

Introdução ao pensamento musical erudito no séc. XX, Parte II

© 1995 Paulo Mouat, artigo escrito para a revista portuguesa *Audio*

1945...

Terminaram seis anos de penosa guerra. A destruição está para lá do imaginável: Hiroshima e Nagasaki volatilizam-se num clarão e a Europa está coberta de cinzas.

Nestes tempos, a música está debilitada pelo êxodo de muitos compositores europeus para os Estados Unidos para escapar ao totalitarismo ou simplesmente para fugir à guerra. O ano de 1945 é o “momento zero” na Alemanha. Contrariamente a 1918, alegremente considerado como a porta aberta a novos tempos, 1945 corresponde a uma profunda fractura. Tudo está por reconstruir. E a reconstrução começa lentamente, com urgência no campo espiritual, pois a necessidade imperava que se satisfizesse a interminável fome intelectual.

Stockhausen escreve: “Raramente uma geração de compositores passou pelos contratempos da nossa e nasceu num momento tão favorável: as ‘cidades estão arrasadas’ e podemos recomeçar pelo princípio, sem as perturbações das ruínas nem dos demónios que ficaram de uma época sem gosto.”

Não restam dúvidas de que depois de 1945 a música não poderia ser mais considerada como material para ficção, um paraíso para a imaginação.

Messiaen e a revolução serialista

Referências:

Tal como na Parte I, aconselha-se

La musique du XXe siècle, Jean-Noël von der Weid, 1992, 380 págs.
Hachette/Pluriel, Paris